

## **Observações da Presidente Roberta Metsola no Conselho Europeu informal 6 de outubro, Granada**

Obrigada e bom dia a todos.

Quero centrar a minha intervenção de hoje em alguns dos principais desafios que enfrentamos e na forma como o Parlamento Europeu pode ajudar a superá-los.

A migração continua a ser uma das questões mais prementes da Europa. Eleição após eleição, esta permanece uma das maiores preocupações dos cidadãos europeus em todos os Estados-Membros. No entanto, volvidos vários anos, ainda não conseguimos fazer progressos suficientes para resolver o problema. Encontrámos agora um caminho para sair deste impasse a que chegámos, o qual pode dar resposta às expectativas das pessoas sem as obrigar a recorrer a fações ou extremos. Permitir-nos-á proteger as nossas fronteiras e sermos justos com quem necessita de proteção, firmes com quem não é elegível e fortes contra as redes criminosas que exploram as pessoas vulneráveis. É a solução perfeita? Claro que não.

Mas estamos mais próximos do que nunca de uma solução e, a apenas meio ano do fim do nosso mandato, podemos chegar a acordo sobre o Pacto em matéria de Migração e Asilo antes do final da legislatura.

São os compromissos que nos fazem avançar. «Compromisso» não é um palavrão.

O Parlamento Europeu mantém-se firmemente empenhado em concluir este pacote. Não podemos deixar que este debate domine e polarize mais uma campanha para as eleições europeias sem apresentar os instrumentos legislativos necessários.

Querer é poder, desde que haja vontade política. Pudemos observar este facto durante a pandemia e quando nos opusemos à invasão ilegal da Ucrânia pela Rússia. Estamos a enfrentar os nossos desafios climáticos, a reduzir a nossa dependência da energia russa, a definir padrões a nível mundial no setor digital e a construir o futuro.

Nos últimos anos, conseguimos concretizar o que muitos consideravam impossível. Podemos voltar a fazê-lo.

Temos trabalhado em conjunto para tornar a nossa União mais forte, mais autónoma e mais influente do que nunca.

O mundo está a mudar e nós temos de nos adaptar e de mudar também. Temos de continuar a envidar esforços para fazer da nossa Europa um lugar de igualdade de oportunidades, segurança e proteção, prosperidade, dignidade e emprego – onde todos possam realizar o seu pleno potencial, sem diferentes níveis de acesso.

Para o efeito, é necessário encontrar formas de avançar que sejam importantes para uma nova geração e vaga de cidadãos europeus e de Estados-Membros europeus.

O alargamento é o instrumento geopolítico mais forte da União. E, especialmente neste novo ambiente geoestratégico, uma UE alargada, assente em claros objetivos, critérios e mérito, representa um investimento na paz, na segurança, na estabilidade e na prosperidade no continente europeu. Este é um processo cujo resultado beneficiará todas as partes envolvidas.

É por esta razão que o Parlamento Europeu solicitou à Ucrânia e à Moldávia que aceitassem o estatuto de país candidato à adesão à UE. Este estatuto proporciona a estas nações uma clara perspectiva europeia e constitui um forte impulso para levar a bom termo reformas democráticas. Se fizermos uma breve análise retrospectiva dos últimos 20 anos, podemos verificar o poder transformador do alargamento. É por isso que queremos dar o passo seguinte até ao final do ano, se esses países estiverem prontos.

Chegou a hora de passarmos das palavras aos atos. A nossa capacidade e vontade de mudar não pode ficar aquém da ambição desses países. Importa iniciar um verdadeiro debate sobre a capacidade de absorção e a reforma interna da UE, debate esse que é há muito aguardado. Estes Estados estarão prontos para a adesão e nós também deveremos estar. De nada servirá continuar a adiar.

Para o efeito, será necessário dar prioridade a este debate na ordem de trabalhos da próxima legislatura.

Caberá então a cada país candidato continuar a envidar grandes esforços para cumprir os critérios de adesão. E são precisos esforços verdadeiros para resolver todos os litígios bilaterais pendentes.

Naturalmente, cada país candidato deverá seguir o seu próprio caminho. Não devemos fazer compromissos em relação às exigências, mas temos de estar prontos. Se deixarmos toda a gente à espera, não podemos surpreender-nos se o vazio que deixámos para trás for preenchido por alguém.

O alargamento conduz a uma maior autonomia estratégica, do mesmo modo que um orçamento adequado à sua finalidade.

No que toca à proposta de revisão do nosso orçamento: os fundos são finitos. A pandemia, a invasão da Ucrânia, as catástrofes naturais e a crise do custo de vida tiveram efeitos prejudiciais. O aumento das taxas de juro fez aumentar os custos dos empréstimos no âmbito do NextGenerationEU. Esta conjuntura levou a uma situação de limite do orçamento da UE.

E temos o dever de reagir.

Nos últimos anos, o mundo mudou totalmente e, logo, também as nossas prioridades se alteraram.

Penso que é ponto assente que são precisos mais recursos para fazer face à migração e continuar a apoiar a Ucrânia numa trajetória sustentável e duradoura.

Também concordamos todos que devemos apoiar, de forma rápida e eficaz, os Estados-Membros atingidos por catástrofes naturais. É precisamente no momento em que mais necessitam da Europa que devemos estar prontos.

A forma como aplicamos o nosso dinheiro tem de ser coerente com aquilo que defendemos no que diz respeito à competitividade. É assim que geraremos um crescimento económico real e sustentável, que é necessário para apoiar as nossas ambições.

Temos sido diligentes na reafetação dos fundos já existentes. Contudo, no futuro, teremos de ser honestos quanto às consequências dessas intervenções. Permitir que os custos dos empréstimos corroam, ou suprimam completamente, programas que nos tornam competitivos

e com os quais os nossos cidadãos beneficiam diretamente, como o Erasmus e o Horizonte, não é algo que as pessoas aceitem facilmente.

Esta semana, assinalou-se o 33.º aniversário da reunificação da Alemanha e, conseqüentemente, da Europa. Em 1990, a reunificação foi descrita como «um grande milagre». Para mim, foi antes uma prova do poder da política e da diplomacia para encontrar soluções. A Europa consiste em descobrir a vontade política de ultrapassar divergências e diferenças aparentemente impossíveis de resolver, em encontrar soluções que transformam vidas, em resolver problemas geopolíticos intergeracionais e em mudar o curso da história.

Quer se trate da migração, do nosso quadro financeiro plurianual ou do alargamento, precisamos de nos imbuir novamente desse espírito.

O Parlamento Europeu está pronto. Pronto para fazer ouvir as opiniões dos nossos cidadãos e para lhes fazer chegar as mensagens. Pronto para desempenhar o seu papel de envolver os cidadãos da UE. Porque esta é a única forma de garantir que as nossas reformas terão êxito.